

Teatro e choque com peça profana

A polêmica da noite ficou por conta da encenação de um dos cantos de Carmina Burana, uma ópera baseada em poemas profanos sobre a sociedade medieval, envolvendo membros da Igreja. O diretor teatral Moacyr Góes — responsável pela montagem — levou para dois pequenos palcos laterais do teatro diabos, mulheres seminuas e bebida. A representação escandalizou uns, mas atraiu a atenção de muitos outros. O próprio Presidente afirmou que achou bonita a montagem de Carmina Burana.

Outros, no entanto, não aprovaram a inovação. O bispo de Petrópolis, José Carlos de Lima Vaz, e o vigário-geral, monsenhor Gilberto Ferreira de Souza, preferiram

tapar com a mão os olhos nesta parte do espetáculo. O secretário estadual de Cultura, Leonel Kaz, era outro que não parecia muito satisfeito com o desfecho do espetáculo. “Eu gosto muito de música”. A encenação também trouxe para o palco uma gigantesca roda de madeira e anjos que desciam do teto e voavam sobre a orquestra.

Depois da apresentação, o Presidente seguiu para um coquetel oferecido pelo prefeito da cidade, Sérgio Fadel, no próprio Quitandinha. Durante 20 minutos, ele e parte dos convidados ficaram isolados em um salão especial de onde só saíram por volta das 21h30 para irem a um jantar na mansão da Ave-

nida Ipiranga. A beleza do espetáculo, aliada à presença de Fernando Henrique, encantou as 1,3 mil pessoas que lotaram o teatro — muitas lutaram durante todo o mês para conseguir um convite e tiveram de assistir ao show em telões instalados nos corredores do hotel.

A secretária Anilva Francisca de Carvalho, moradora de Petrópolis, fez questão de falar com Fernando Henrique no final da festa. Acompanhada por duas amigas, ela deu um jeitinho de driblar a segurança e foi cumprimentar aquele que trouxe de volta, durante três dias, o glamour de Petrópolis. “Foi um acontecimento para a cidade”, garantiu.